

ATUAÇÃO FARMACÊUTICA EM ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE
PLANTAS MEDICINAIS

PHARMACEUTICAL PERFORMANCE IN HEALTH EDUCATION ACTIVITIES ON MEDICINAL
PLANTS

DESEMPEÑO FARMACÉUTICO EN ACTIVIDADES DE EDUCACIÓN EN SALUD SOBRE PLANTAS
MEDICINALES

Brenda Tamires de Medeiros Lima ¹

Almária Mariz Batista ²

Manuscrito submetido em: 28 de janeiro de 2025.

Aprovado em: 07 de março de 2025.

Publicado em: 10 de março de 2025.

Resumo

Uso de plantas medicinais no contexto da atenção primária à saúde é uma realidade. Desta forma, é necessário discutir o tema de forma a desconstruir algumas questões inerentes, particularmente, a segurança de uso. Objetivou-se relatar a experiência de desenvolvimento de atividade de educação em saúde sobre o tema no âmbito da atenção primária de um município do Seridó Potiguar durante o ano de 2024. Para tanto, procedeu-se a levantamento bibliográfico e observação direta de processos de trabalho/rotina dos serviços, a fim de levantar necessidades dos usuários. Feito isto, foi planejada e executada a oficina “Conversando sobre O Uso Racional de Plantas Medicinais”. Abordou-se aspectos sobre conceito, origem do uso, produção de medicamentos sintéticos a partir destas, nomenclatura científica e popular, identificação de espécies vegetais, diferença entre tipos de chás e segurança e efetividade de uso. Estes foram abordados a partir das metodologias de ensino-aprendizagem roda de conversa e gamificação, com utilização de quebra-cabeça temático e dinâmica de verdadeiro e falso. Os objetivos pedagógicos foram atingidos. Isto foi, particularmente, potencializado pelo estímulo à mobilização de conhecimentos prévios dos usuários via atuação farmacêutica, de forma a fomentar diálogo entre saberes acadêmico e popular sobre aspectos físico-químicos, farmacocinéticos e farmacodinâmicos dos fármacos. Experiências como esta fortalecem o papel da atenção primária como espaço de promoção de saúde, valorização do saber popular e fomento ao autocuidado.

Palavras-chave: Fitoterapia; Educação em saúde; Atenção primária à saúde.

Abstract

The use of medicinal plants in the context of primary health care is a reality. Therefore, it is necessary to discuss the topic in order to deconstruct some inherent issues, particularly safety of use. The objective was to report the experience of developing a health education activity on the topic within the scope of primary care in a municipality in Seridó Potiguar during the year 2024. To this end, a

¹ Residente em Atenção Básica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Farmácia pela Universidade Federal de Campina Grande.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6646-9686> Contato: brendatamiresml@gmail.com

² Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Trabalho e Inovação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5824-7485> Contato: almariamariz@yahoo.com.br

bibliographical survey and direct observation of work processes were carried out. /routine of services, in order to identify user needs. Once this was done, the workshop “Talking about the Rational Use of Medicinal Plants” was planned and executed. Aspects about the concept, origin of use, production of synthetic medicines from these, scientific and popular nomenclature, identification of plant species, difference between types of teas and safety and effectiveness of use were covered. These were approached using teaching-learning methodologies, chat circles and gamification, using thematic puzzles and true and false dynamics. The pedagogical objectives were achieved. This was, in particular, enhanced by encouraging the mobilization of users' prior knowledge via pharmaceutical activities, in order to encourage dialogue between academic and popular knowledge about the physicochemical, pharmacokinetic and pharmacodynamic aspects of drugs. Experiences like this strengthen the role of primary care as a space for health promotion, appreciation of popular knowledge and promotion of self-care.

Keywords: Phytotherapy; Health education; Primary health care.

Resumen

El uso de plantas medicinales en el contexto de la atención primaria de salud es una realidad. Por lo tanto, es necesario discutir el tema para deconstruir algunas cuestiones inherentes, en particular la seguridad de uso. El objetivo fue relatar la experiencia de desarrollo de una actividad de educación en salud sobre el tema en el ámbito de la atención primaria en un municipio de Seridó Potiguar durante el año 2024. Para ello se realizó un levantamiento bibliográfico y observación directa de los procesos de trabajo. /rutina de servicios, con el fin de identificar las necesidades de los usuarios. Una vez realizado esto, se planificó y ejecutó el taller “Hablando del Uso Racional de las Plantas Medicinales”. Se abordaron aspectos sobre el concepto, origen de uso, producción de medicamentos sintéticos a partir de estos, nomenclatura científica y popular, identificación de especies vegetales, diferencia entre tipos de tés y seguridad y efectividad de su uso. Estos fueron abordados mediante metodologías de enseñanza-aprendizaje, círculos de chat y gamificación, utilizando acertijos temáticos y dinámicas de verdadero y falso. Se lograron los objetivos pedagógicos. Esto se vio favorecido, en particular, fomentando la movilización de los conocimientos previos de los usuarios a través de las actividades farmacéuticas, con el fin de fomentar el diálogo entre los conocimientos académicos y populares sobre los aspectos fisicoquímicos, farmacocinéticos y farmacodinámicos de los medicamentos. Experiencias como esta fortalecen el papel de la atención primaria como espacio de promoción de la salud, valorización del saber popular y promoción del autocuidado.

Palabras clave: Fitoterapia; Educación en salud; Atención primaria de salud.

Introdução

A educação em saúde constitui um conjunto de ações e experiências de aprendizado, sendo instrumento de construção dialógica do conhecimento e estímulo à autonomia, participação popular e protagonismo dos sujeitos no seu próprio cuidado (Fittipaldi; O'dwyer; Henriques, 2021). Contempla abordagem transdisciplinar, que considera subjetividades e singularidades individuais e coletivas e conhecimentos prévios dos indivíduos, contribuindo para que se tornem participantes ativos do processo. Nesta concepção, conhecimento popular e científico interagem para melhorar a qualidade de vida, tendo em vista que os temas

abordados devem ter relação com o cotidiano dos indivíduos e caracterizarem-se como necessidades de saúde, de maneira a modificar padrões de estilo de vida e contribuir para empoderamento de indivíduos para atuarem no autocuidado ou como disseminadores de informações baseadas em evidências (Conceição *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2016a).

No contexto da atenção primária à saúde, a educação em saúde possibilita, sobretudo, uma das grandes premissas do Sistema Único de Saúde (SUS), a promoção da saúde. Apesar de serem práticas inerentes ao trabalho em saúde, muitas vezes, estão relegadas a segundo plano por ocasião de planejamento/organização dos serviços e execução das ações de cuidado (Falkenberg *et al.*, 2014; Barreto *et al.*, 2019). Neste contexto, a Estratégia Saúde da Família (ESF) é composta, minimamente, por um médico, um enfermeiro, um técnico ou auxiliar de enfermagem e agentes comunitários de saúde, podendo compor a equipe agente de combate às endemias, cirurgião-dentista e auxiliar ou técnico em saúde bucal (Brasil, 2017).

O farmacêutico insere-se na atenção primária em equipe multiprofissional através do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), extinto anteriormente, porém, ressurgiu adaptando-se à eMulti (Equipe Multiprofissional), que possui em sua essência o apoio matricial, envolvendo atendimento conjunto, projetos terapêuticos e intervenções territoriais (Brasil, 2023; Mattos; Gutiérrez, 2023). Desta maneira, tem-se o farmacêutico como o profissional que carrega o compromisso com as questões que envolvem o medicamento, de forma que suas ações devem favorecer seu uso racional, prevenir doenças/agravos à saúde e facilitar adesão à terapia farmacológica (Melo; Pauferro, 2020), através, inclusive, de práticas de educação em saúde sobre plantas medicinais, tendo em vista as competências específicas de sua formação profissional, que envolvem aspectos físico-químicos, farmacocinéticos e farmacodinâmicos do medicamento.

O uso de plantas medicinais data dos tempos mais remotos e pode ser observada em diversas culturas (Pinê; Camargos, 2023). Isto reflete uma prática cultural brasileira de tradição e valor familiar com estreita relação à diversidade cultural e regional, ressaltando que este uso segue uma filosofia de pensar que, por ser natural, não faz mal. Não obstante, modos de preparo, armazenamento e horário de coleta de partes da planta utilizada evidenciam a necessidade de reconstrução dos saberes-fazeres na perspectiva do uso racional das plantas de modo a minimizar e/ou evitar efeitos indesejáveis (Silva; Pamponet, 2022).

Além disso, revisão integrativa sobre uso de plantas medicinais na atenção primária, abrangendo estudos publicados de 2015 a 2020 nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde e *PubMed*, constatou fragilidades de conhecimento dos profissionais de saúde sobre políticas de práticas integrativas e complementares e uso de plantas para fins medicinais, bem como existência frequente e incorreta da identificação de espécie, origem, preparo e dose adequada para cada caso por parte dos usuários, que são, majoritariamente, mulheres, idosas, com baixa renda e escolaridade (Patrício *et al.*, 2022).

Desde a Declaração de Alma-Ata, em 1978, tem-se expressado a necessidade de valorizar a utilização de plantas medicinais no âmbito sanitário, tendo em vista que 80% da população mundial utiliza essas plantas ou preparações destas no contexto da atenção primária. Isto posto, destaca-se a participação dos países em desenvolvimento neste processo, já que possuem 67% das espécies vegetais do mundo (Brasil, 2006b). No Brasil, a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (Brasil, 2006b) e da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Brasil, 2006a) constitui importante marco para que o tema Plantas Medicinais e Fitoterapia ganhasse notoriedade no SUS.

Portanto, existe a necessidade de ações que abranjam utilização segura de plantas medicinais, comprovação de eficácia e possibilidade de utilização com vistas a não causar dano ao usuário ou agravar uma determinada condição do indivíduo. Por conseguinte, o uso de uma planta para promover saúde, prevenir ou complementar o tratamento de certas condições ou agravos, não é isento de riscos (Pedroso; Andrade; Pires, 2021).

Existe uma cultura de que “o que é natural não faz mal” e “se bem não fizer, mal não vai fazer”. As plantas medicinais, tanto quanto o medicamento, possuem propriedades que podem interagir com um segundo medicamento, aumentando ou inibindo o efeito desejado. Elas também podem, em doses elevadas, causar efeitos indesejáveis à saúde (Ministério da Saúde, 2016). Além disso, a planta é um ser vivo e, por isso, pode sofrer influências da natureza onde cresceu, o que é determinante para a presença de contaminantes e a produção de suas substâncias ativas. O mesmo pode ocorrer durante as etapas de limpeza, secagem, armazenamento e produção do fitoterápico (ANVISA, 2022).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é relatar a experiência de desenvolvimento de atividade de educação em saúde sobre o tema plantas medicinais, sob condução de uma residente farmacêutica, no âmbito da atenção primária do município de Currais Novos-RN.

Metodologia

- Tipo de Estudo

Trata-se de um relato de experiência descritivo e crítico-reflexivo do processo de planejamento e execução de uma atividade de educação em saúde sobre plantas medicinais. Este processo foi conduzido por uma residente farmacêutica, durante o ano de 2024, a partir de levantamento bibliográfico e observação direta dos processos de trabalho e da rotina dos serviços de atenção primária de Currais Novos-RN.

- Contexto do Estudo

Currais Novos é um município localizado na Região Seridó Oriental do Rio Grande do Norte, com área de 864,349 km², 41.313 habitantes, densidade demográfica de 47,8 hab/km² (2022) e IDH municipal 0,691 (2010). Apresenta 82,2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 60,6% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 4,7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) (IBGE, 2024).

No contexto da atenção primária, apresenta 1 Central de Abastecimento Farmacêutico (CAF) anexa a 1 Farmácia Básica municipal, não havendo farmácias distritais. Dispõe de 14 UBS com 19 ESF, sendo 16 em zona urbana e 3 em zona rural.

O município é cenário de treinamento em serviço para os residentes da Residência Multiprofissional em Atenção Básica, vinculada à Escola Multicampi de Ciências Médicas (EMCM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o que possibilita a imersão dos residentes na rotina dos serviços da atenção primária, particularmente, nas UBS, justificando a escolha deste cenário para o desenvolvimento do trabalho em questão.

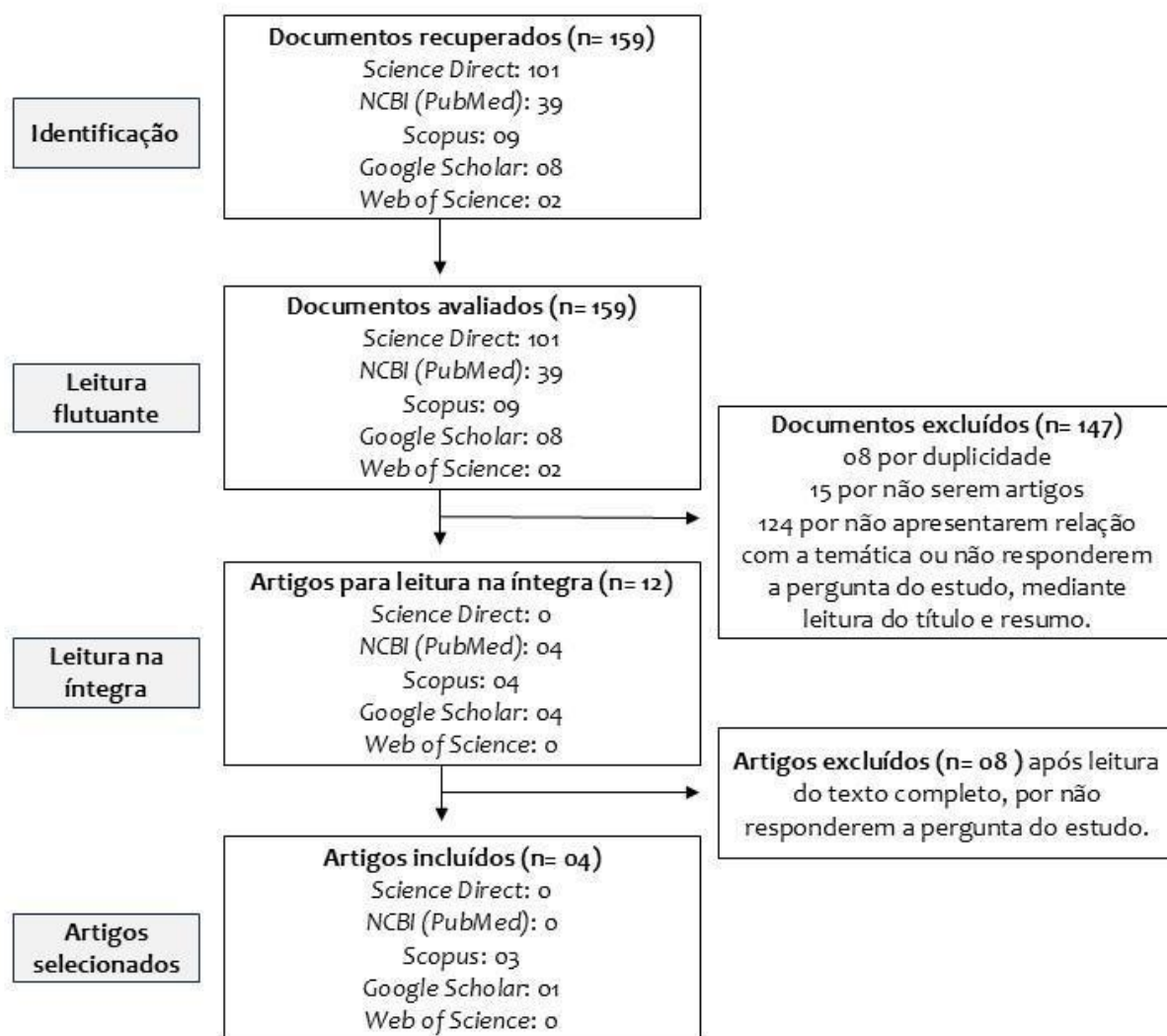
- Levantamento Bibliográfico

Deu-se a partir de revisão integrativa da literatura, a fim de subsidiar o planejamento e a execução da atividade de educação em saúde, tendo como pergunta norteadora: “Quais as metodologias de educação em saúde utilizadas na atenção primária envolvendo o tema plantas medicinais?”.

A busca foi realizada através da aplicação dos descritores 1) Fitoterapia; 2) Atenção Primária à Saúde; 3) Educação em Saúde; 4) *Phytotherapy*; 5) *Primary Health Care*; 6) *Health Education*, interseccionados pelos operadores booleanos “AND” e “OR”, às bases de dados NCBI (via Pubmed), Google Scholar, Web of Science, Science Direct e Scopus.

Foram incluídos no estudo artigos publicados nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola que se enquadrassem minimamente na pergunta de pesquisa. Não houve recorte cronológico. Por outro lado, artigos duplicados e incompletos foram excluídos. A estratégia de busca está esquematizada na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma de descrição da estratégia de busca.



Fonte: autoria própria.

- Levantamento das Necessidades dos Usuários

Deu-se por meio da observação direta dos processos de trabalho e da rotina do serviço de atenção primária do referido município, particularmente, decorrente da vivência enquanto residente em UBS localizadas nas zonas leste, norte, centro e na Farmácia Básica, na zona oeste da cidade.

A imersão da residente na rotina do serviço possibilitou a obtenção de informações sobre o objeto/tema de estudo, as quais foram registradas em diário de campo e utilizadas para planejamento e execução das atividades de educação em saúde.

- Planejamento e Execução das Atividades de Educação em Saúde

As atividades de educação em saúde foram planejadas e executadas considerando o levantamento das necessidades dos usuários sobre o tema plantas medicinais, obtidas tanto via observação direta quanto através da revisão integrativa da literatura. Isto forneceu subsídios para a seleção de metodologias de ensino-aprendizagem e conteúdos a serem trabalhados frente ao tema em questão.

- Aspectos Éticos

Considerando que o estudo objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, não revelando dados que possam identificar os sujeitos e, portanto, é regido pela Resolução nº 510/16, não é necessária aprovação por Comitê de ética em Pesquisa (Brasil, 2016). Entretanto, foi assinada carta de anuência pela gestão de saúde municipal, autorizando a execução deste estudo no âmbito da atenção primária do município.

Resultados e discussão

- Levantamento Bibliográfico

Ao todo, foram selecionados 4 artigos, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização dos artigos selecionados.

AUTORES	AUTORES	ANO DE PUBLICAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
Farias; Ayres; Alvim	<i>Dialogue with pregnant women about medicinal plants: contribution to health basic care</i>	2004	Estudo descritivo exploratório, realizado no Rio de Janeiro-RJ, com gestantes em pré-natal em hospital escola vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, conduzido por enfermeiras, cujos objetivos eram compreender identificação das plantas comumente utilizadas pelas gestantes, descrição de finalidade e forma de preparo das plantas e análise de suas implicações para os cuidados básicos de saúde. As metodologias utilizadas foram entrega de material educativo e prática dialógica para abordagem do tema e coleta de dados com questionário semiestruturado.
Costa; Rabelo; Lima	<i>Evaluation of the role of the pharmacist in actions promoting health and preventing accidents and diseases within primary health care</i>	2014	Estudo transversal, realizado em Recife-PE, com usuários de uma Estratégia Saúde da Família, conduzido por farmacêutico, tendo o objetivo de esclarecer dúvidas e trocar experiências sobre uso de plantas medicinais na gestação com ênfase em identificação e uso na medicina popular. A metodologia utilizada foi roda de conversa com o intermédio de um dominó temático para facilitar a discussão.
Oliveira-Souza et al.	Plantas medicinais em áreas urbanas: ferramenta para abordar a educação em saúde com núcleos familiares	2023	Estudo descritivo e exploratório, realizado no Rio de Janeiro-RJ, com os responsáveis dos educandos do Centro de Responsabilidade Socioambiental do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico, conduzido por farmacêuticos e biólogos, cujos objetivos foram descrever as experiências metodológicas e educacionais envolvendo plantas medicinais e interações medicamentosas, compreender quais plantas medicinais são utilizadas pelos responsáveis e quais suas formas de preparo. As metodologias utilizadas foram técnicas de lista livre e sugestão semântica, transcrição oral de áudios, aplicação de questionário semiestruturado, jogo de interações medicamentosas e oficinas.
Moreira et al.	<i>Successful experience with implantation of a pilot project of a Living Pharmacy in Araraquara-SP</i>	2023	Estudo descritivo, realizado em Araraquara-SP, com usuários da atenção primária, conduzido por equipe multidisciplinar composta por farmacêuticos, engenheiros agrônomos, técnicos agrícola, médicos, enfermeiras, técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde e agentes comunitários, com o objetivo de implementar um projeto piloto de Farmácia Viva em uma Unidade de Saúde da Família. As metodologias utilizadas foram rodas de conversa, oficinas e cursos, além da utilização de metodologias de Educação Popular em saúde, como versos e poemas.

Fonte: autoria própria.

Durante a construção do estudo de Farias, Ayres e Alvim (2004), foi possível uma troca de conhecimentos, à medida que as gestantes contaram suas vivências e experiências com as plantas medicinais, as formas e as circunstâncias nas quais estas eram utilizadas, favorecendo o diálogo entre participantes e pesquisadoras, que, com base na literatura disponível e nos saberes e práticas vinculados à herança cultural-familiar, puderam discutir sobre o emprego das plantas. Foram abordados aspectos como identificação correta da planta, distribuição dos princípios ativos pelas partes das plantas, interferência da qualidade do solo, quantidade de luz, temperatura, momento da coleta da planta e armazenamento correto. Mediante captação dos conhecimentos prévios das participantes, foi possível refletir sobre o uso indiscriminado das plantas, seus benefícios e malefícios com vistas à preocupação com efeitos tóxicos, abortivos e teratogênicos, sendo possível repensar o cuidado, valorizando a participação do usuário no processo de cuidado.

Na atenção primária de Recife-PE, foram desenvolvidas atividades educativas, coordenadas pelo farmacêutico residente, com participantes de grupos de usuários já estruturados neste local. Um dos temas abordados foi utilização de plantas medicinais e chás na gravidez junto a um grupo de gestantes, em que se utilizou um dominó temático para facilitar a discussão. A montagem do dominó, que continha as 10 principais espécies vegetais utilizadas na região, facilitou o debate e as participantes foram capazes de identificar seus nomes e usos na medicina popular. Através da aplicação de questionários antes e após a atividade educativa, foi possível perceber que o entendimento das participantes sobre o conteúdo melhorou após a realização da atividade, evidenciando que metodologias baseadas em situações reais, em que as práticas educativas permitem vivência e aprendizado dos usuários em situações concretas problematizadas, são eficazes no processo de aprendizagem (Costa; Rabelo; Lima, 2014).

Em concordância, o estudo de Oliveira-Souza et al. (2023), conduzido por farmacêuticos e biólogos, evidenciou que atividades educativas promovem troca entre conhecimento popular e conhecimento científico, viabilizando a quebra de paradigmas e mudanças referente ao uso não racional de plantas medicinais, enquanto evidencia que as metodologias de educação em saúde empregadas foram exitosas, aproximando a comunidade científica da população, gerando conhecimento, saúde e autonomia para o indivíduo. Foi proposto o reconhecimento de algumas espécies de plantas, através de

morfologia e propriedades organolépticas, bem como identificação das formas de uso e finalidades de utilização. Abordou-se também boas práticas de cultivo (produção de mudas e preparo do solo), produção de infusões e preparados fitoterápicos, além da ênfase no entendimento a respeito das interações medicamentosas entre plantas medicinais e uso concomitante com medicamentos alopáticos.

Experiência exitosa de implantação da Farmácia Viva em Araraquara - SP, promovida por equipe multidisciplinar que inclui farmacêutico, abrange atividades de educação em saúde voltadas ao uso racional de plantas medicinais. Estas compreenderam descrição das plantas selecionadas para o projeto (propriedades terapêuticas, formas de preparo, dosagem e contraindicações), caracterização organoléptica de infusões preparadas, apresentação do Formulário Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira aos usuários, sensibilização sobre tradições e saberes populares e capacitação sobre produção de mudas, proporcionando conhecimentos de propagação de sementes, caules, rizomas, folhas e bulbos, em que os participantes prepararam mudas e levaram algumas delas para suas casas. Estas atividades proporcionaram trocas de experiências, em que se valorizou o uso popular/tradicional e o conhecimento da comunidade sobre as espécies medicinais em questão. O uso de metodologias de Educação Popular em Saúde, como poemas e versos, promoveu maior integração entre comunidade e equipe e, assim, possibilitou troca de experiências (Moreira *et al.*, 2023).

- Levantamento das Necessidades dos Usuários

As informações apreendidas no levantamento das necessidades dos usuários frente ao tema plantas medicinais foram provenientes da imersão da residente farmacêutica nos processos de trabalho e na rotina dos serviços da atenção primária, em UBSs e farmácia básica, compreendendo a atuação em visitas domiciliares, atendimentos compartilhados, dispensação de medicamentos e participação em grupos de atividade física e educação em saúde.

Diante do contexto local da atenção primária, percebeu-se que o tema plantas medicinais tem pouca visibilidade, no sentido de abordagem do tema, ao passo em que atividades educativas e/ou coletivas não são realizadas ou incentivadas neste sentido. Por

outro lado, é perceptível a presença da prática pela comunidade através dos saberes populares e tradicionais, construídos ao longo de gerações, sem que haja, muitas vezes, a conexão destes saberes com as práticas de saúde dos profissionais atuantes no setor.

Nesta perspectiva, entende-se que há uma carência estrutural que inviabiliza a socialização desta temática, seja por questões curriculares dos profissionais de saúde, falta de capacitação, falta de recursos humanos e/ou fragilidades das políticas voltadas para esta área no Brasil, o que limita a capacidade dos profissionais de dialogar com estas práticas e incorporá-las aos cuidados. Isto dificulta a promoção de uma abordagem integral e culturalmente sensível, que respeite o conhecimento popular.

Desta forma, é comum que a utilização de plantas medicinais esteja atrelada a desconexão com os demais tratamentos de saúde ofertados, sendo pouco frequente tanto a menção por parte do usuário sobre uso de plantas medicinais em consultas ou visitas domiciliares, quanto o questionamento espontâneo do profissional de saúde a respeito, apesar de interações entre plantas medicinais e medicamentos serem uma realidade.

Além disso, foi percebido que algumas pessoas têm dúvidas sobre a veracidade dos conhecimentos populares inerentes à utilização de plantas medicinais. Neste sentido, é possível apreender que, enquanto algumas pessoas questionam sobre a eficácia terapêutica das plantas medicinais, em contrapartida, outras as utilizam de forma frequente, sem que haja, muitas vezes, o uso racional desta alternativa terapêutica.

- Planejamento e Execução da Atividade de Educação em Saúde

A oficina “Conversando sobre O Uso Racional de Plantas Mediciniais” foi executada como evento de extensão vinculado à EMCM/UFRN, com duração de 4h. A mesma está registrada via Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFRN sob código EV536-2024 e link de acesso https://sigaa.ufrn.br/sigaa/extensao/DiscenteExtensao/atividades_discente.jsf. A realização deu-se no dia 05 de setembro de 2024, das 7h às 11h, ministrada pela residente farmacêutica, com data e horário previamente acordados com o público-alvo da ação.

Os participantes da oficina foram os usuários do Grupo Qualidade de Vida, vinculado a uma UBS situada na zona leste do município de Currais Novos-RN. O Grupo foi implantado em 2016 pela primeira equipe da Residência Multiprofissional e vem sendo mantido pelas equipes

subsequentes, com o objetivo principal de promover a prática de atividade física entre os usuários e, eventualmente, a socialização de temas em saúde. O Grupo apresenta 23 usuários cadastrados, dos quais 21 do sexo feminino e 02 do sexo masculino, com idade entre 33 e 85 anos. As atividades são realizadas uma vez por semana, no período da manhã, inicialmente, com aferição de parâmetros vitais realizada pela farmacêutica residente e, posteriormente, com a prática de atividades corporais conduzidas pelo fisioterapeuta voluntário.

Inicialmente, todos os usuários vinculados ao Grupo foram cadastrados no evento via SIGAA. O Grupo não apresenta número fixo de participantes nos encontros, então, a frequência dos usuários nas atividades é relativa. Entretanto, mediante registro das ações, foi possível identificar que a média de usuários por encontro é de aproximadamente 10 pessoas. O público atingido nesta oficina foi 9 pessoas (39,1%). Nem todos os usuários vinculados ao grupo estavam ativos nos encontros e outros, por motivos pessoais, não puderam comparecer ao evento. Além disso, a ação contou com o apoio logístico das residentes enfermeira e assistente social, além de fisioterapeuta (voluntário).

Conforme constatado na presente revisão integrativa, as formas de socialização dos conteúdos sobre plantas medicinais com a população foram diversas, via oferta de oficinas e cursos, além de ações realizadas em grupos específicos como o de gestantes. Neste caso, as metodologias citadas incluem rodas de conversa, gamificação com utilização de jogo de interações medicamentosas e dominó temático, de forma a facilitar as discussões. Além disso, em alguns estudos, identificou-se produção de materiais educativos para distribuição aos participantes.

Quanto aos conteúdos abordados nos artigos selecionados para revisão integrativa, constatou-se que são semelhantes entre si, abrangendo identificação correta das plantas medicinais, distribuição de princípios ativos pelas partes destas plantas, interferência do solo na qualidade destas plantas, usos na medicina popular, descrição e propriedades terapêuticas, formas de preparo, dosagens, contraindicações, boas práticas de cultivo, produção de infusões e preparados fitoterápicos, interações com medicamentos industrializados e produção de mudas.

Nesta perspectiva, o estudo em questão buscou adequar os achados da literatura com as necessidades do público-alvo, considerando também os recursos disponíveis e a viabilidade da realização das atividades. Assim, dentre os conteúdos levantados, aqueles que requeriam disponibilidade de recursos financeiros, materiais e estruturais não disponíveis no presente

contexto não foram explorados, como produção de infusões e preparados fitoterápicos, produção de mudas e boas práticas de cultivo. Os demais foram abordados, de forma integral ou adaptada, sendo importante mencionar que alguns pontos foram acrescentados para atender as necessidades levantadas via observação direta.

Quanto às metodologias de ensino-aprendizagem, assim como nos artigos selecionados, optou-se pela utilização de roda de conversa e gamificação, com utilização de quebra-cabeça temático e dinâmica de verdadeiro e falso. Para tanto, a oficina foi dividida em quatro etapas para melhor abordagem dos conteúdos, enfatizando os aspectos introdutórios sobre uso de plantas medicinais (conceito, origem do uso, produção de medicamentos sintéticos a partir de plantas, nomenclatura científica e popular), identificação de espécies vegetais, diferença entre tipos de chás e segurança e efetividade de uso de plantas medicinais. A sistematização das atividades desenvolvidas na oficina estão descritas no Quadro 2.

Quadro 2 - Sistematização da atividade de educação em saúde.

OFICINA: Conversando sobre O Uso Racional de Plantas Medicinais		
CARGA HORÁRIA: 4 horas		
CONTEÚDO	METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM	PERCEPÇÕES
Aspectos introdutórios sobre uso de plantas medicinais - Conceito de planta medicinal. - Origem do uso de plantas medicinais. - Plantas medicinais como base para produção de medicamentos sintéticos. - Nomenclatura popular x nomenclatura científica.	Roda de conversa Quebra-cabeça	Percebeu-se o entendimento dos participantes sobre o conceito de plantas medicinais, ressaltando a percepção de que se trata de uso bastante antigo e medicamentos sintéticos podem ser desenvolvidos a partir destas plantas. Em contrapartida, na abordagem da diferença entre nomes populares e científicos, percebeu-se que os usuários não sabiam da existência da nomenclatura científica.
Identificação de espécies vegetais - Exposição de plantas morfológicamente semelhantes e com efeitos terapêuticos diferentes, bem como plantas diferentes com a mesma nomenclatura popular. - Identificação de espécies através de características morfológicas e organolépticas	Imagens apresentadas via projetor multimídia Apresentação de plantas físicas	Percebeu-se que os participantes foram capazes de identificar as plantas morfológicamente ao visualizá-las na projeção. Quanto às plantas <i>in natura</i> , foi perceptível que os usuários tiveram domínio sobre a identificação das plantas por meio das características morfológicas e organolépticas, relacionando-as aos seus nomes populares e não aos seus nomes científicos. Em contrapartida, por uma questão regional, os nomes populares identificados eram consenso entre os participantes, não havendo variação nos nomes populares.
Hora do chá - Problematização da diferença entre planta medicinal, chá medicinal, chá alimentício e chá alimentício pronto para consumo. - Pausa para lanche com degustação de alguns chás	Votação	Percebeu-se que, inicialmente, os participantes não tiveram o entendimento de que o chá alimentício não cumpre, necessariamente, função medicinal, mas sim alimentícia. Nesta etapa, os votos dos participantes concentraram-se em planta medicinal, chá medicinal e chá alimentício.

Segurança e efetividade de uso de plantas medicinais

- “O mal uso de plantas medicinais não pode ocasionar problemas à saúde” F.
- “Um produto natural, se bem não fizer, mal não vai fazer” F.
- “As plantas podem sofrer influência do local em que crescem, o que é determinante para presença de contaminantes e produção de suas substâncias ativas” V.
- “Plantas diferentes podem ser identificadas com o mesmo nome popular, o que pode levar a intoxicações e/ou ausência do efeito terapêutico” V.
- “É necessário conhecer a parte correta da planta a ser utilizada, pois diferentes partes podem conter substâncias distintas, que podem provocar outros efeitos terapêuticos e tóxicos, ainda que da mesma planta” V.
- “É seguro usar plantas provenientes de terrenos limpos, próximos de esgoto a céu aberto, fossas ou de beira de estradas” F
- “Deve-se conhecer a forma correta de preparação de cada planta” V
- “Deve-se conhecer dose correta, horários de utilização e por quanto tempo a planta pode ser utilizada” V.
- “É importante comunicar ao médico ou outro profissional de saúde se está utilizando plantas medicinais e fitoterápicos, principalmente antes de cirurgias” V.
- “Usadas da forma correta, plantas medicinais podem auxiliar em várias condições de saúde e favorecer a qualidade de vida da população” V.
- “O uso de plantas medicinais pode ser feito por tempo indeterminado, sem prejuízo à saúde” F.
- “Podemos utilizar preparados de plantas medicinais junto com medicamentos industrializados, pois não há risco de nenhuma intercorrência por se tratar de produtos naturais” F.

Dinâmica de verdadeiro e falso

Percebeu-se, inicialmente, que, quanto aos produtos de origem natural, havia a ideia de que por terem esta origem, proporcionariam somente efeitos positivos. Não foi perceptível a compreensão de que o local de cultivo de uma planta medicinal determina sua qualidade. Quanto à identificação das plantas por nomes científicos, foi percebido que os participantes não sabiam de sua existência nem de variações quanto aos seus nomes populares. Foi notória a percepção, por parte de alguns participantes, da importância de conhecer a parte da planta a ser utilizada, mas não foi possível perceber este entendimento por parte de todos os participantes. No que diz respeito à forma de preparo, foi possível entender que algumas pessoas faziam preparo de chás de forma incorreta. Percebeu-se que nenhum participante demonstrou conhecimento sobre posologia de utilização das plantas, utilizando-as de forma intuitiva, assim como que, em consultas, os usuários costumam não mencionar a utilização de plantas medicinais e os profissionais de saúde não costumam questionar a respeito. Quanto à utilização de medicamentos industrializados, foi perceptível a compreensão de que o uso concomitante com estas plantas pode trazer riscos.

Fonte: autoria própria.

Para abordagem dos aspectos introdutórios sobre o uso de plantas medicinais, foi realizada roda de conversa com utilização de quebra-cabeça temático para facilitar a discussão. Foram selecionadas quatro imagens que remetiam aos tópicos a serem discutidos e apresentadas em forma de quebra-cabeça, os quais foram montados pelos participantes. Com o intuito de desmistificar a ideia de questionamento sobre a eficácia das plantas medicinais, foram problematizados o conceito de planta medicinal, sua origem e utilização como base para produção do primeiro medicamento sintético do mundo (ácido acetilsalicílico, desenvolvido a partir do ácido salicílico obtido da *Salix alba*) (Menegatti; Fraga; Barreiro, 2001), além da discussão sobre a diferença entre nomenclatura científica e popular.

Para identificação de espécies vegetais, foram apresentadas tanto imagens via projetor multimídia quanto plantas físicas. Para exemplificar a existência de plantas morfológicamente semelhantes, mas com efeitos distintos, foram projetadas as imagens das plantas *Cymbopogon citratus* (capim santo) e *Cymbopogon nardus* (citronela). Além destas, ainda foram apresentadas imagens de plantas diferentes, mas que tem o mesmo nome popular, *Melissa officinalis* e *Lippia alba*, popularmente conhecidas como erva-cidreira. Para identificação das espécies através de características morfológicas e organolépticas, foram utilizadas as plantas *Cymbopogon citratus* (capim-santo), *Plectranthus amboinicus* (hortelã da folha grossa), *Aloe vera* (babosa), *Lippia alba* (erva-cidreira brasileira), *Menta x villosa* (hortelã da folha miúda) e *Chenopodium ambrosioides* (mastruz), colhidas nas residências dos usuários ou trazidas por eles.

Para problematização da diferença entre os tipos de chás, foi proposta uma votação, na qual os participantes votaram nos itens que julgavam ter efeito medicinal. Os itens foram apresentados (planta medicinal, chá medicinal, chá alimentício e chá alimentício pronto para consumo) próximo a uma folha com espaços para depósito dos votos, representados por adesivos. Esta etapa trouxe a discussão de que nem sempre o efeito medicinal de um produto é garantido simplesmente por haver uma espécie vegetal em sua composição, sabendo-se, por exemplo, que um produto alimentício não tem, necessariamente, que cumprir a obrigação de preservação de princípios ativos que conferem efeito medicinal.

Para impulsionar a discussão sobre segurança e efetividade de uso de plantas medicinais, foi aplicada a dinâmica de verdadeiro e falso. As frases foram apresentadas via projetor multimídia, lidas pela ministrante e as pessoas indicaram verdadeiro ou falso com placas verde e vermelha, respectivamente. As frases elaboradas versaram acerca de aspectos importantes a serem considerados na utilização segura e eficaz de plantas medicinais,

abordando o místico popular de que o que é natural não faz mal, influência do local de cultivo, identificação correta, distribuição de princípios ativos pelas partes das plantas, forma correta de preparação, posologia, interações medicamentosas e importância da comunicação aos profissionais de saúde a utilização deste recurso terapêutico.

Além disso, foram confeccionados materiais educativos com descrição, indicação, preparo e forma de uso de algumas plantas utilizadas na região, no caso, *Cymbopogon citratus* (capim-santo), *Plectranthus amboinicus* (hortelã da folha grossa), *Aloe vera* (babosa), *Lippia alba* (erva-cidreira brasileira), *Menta x villosa* (hortelã da folha miúda), *Chenopodium ambrosioides* (mastruz), *Pneumus boldus* (boldo do Chile), *Matricaria recutita* (camomila), *Melissa officinalis* (erva-cidreira), *Psidium guajava* L. (goiabeira), *Rosmarinus officinalis* (alecrim) e *Plectranthus barbatus* (boldo brasileiro), de forma a servir como guia na utilização destas plantas para fins terapêuticos, levando em consideração a posologia.

Desta forma, este estudo corrobora a ideia de Silva e Pamponet (2022), que enfatizam a necessidade do uso racional das plantas, com o intuito de ascender à convergência de saberes científicos e populares, sendo primordial a aproximação dos saberes acadêmicos de maneira a considerar necessidades educativas dos usuários, bem como adequação de linguagem e metodologias apropriadas para o nível de instrução do público-alvo. Assim, sabedoria popular e conhecimento científico podem ser abordados de forma articulada para favorecer a construção de conhecimentos e a formação mais crítica. Neste sentido, o estímulo à construção/reconstrução de ideias e conceitos sobre plantas medicinais evidencia mudanças de concepções sobre ciência e trabalho científico e importância do conhecimento popular presente em diferentes culturas como fator essencial para construção e implementação de políticas nacionais de saúde sólidas sobre plantas medicinais (Siqueira *et al.*, 2021; Rocha *et al.*, 2021).

De acordo com os conhecimentos prévios dos participantes, alguns pontos precisaram ser abordados com maior ênfase no momento da ação, como desmistificação de que o que é natural não faz mal, diferença entre chás medicinal e alimentício, interferência do local de cultivo das plantas, modo de preparo de chás, existência da nomenclatura científica das plantas, formas de uso e importância da menção de uso em atendimentos com profissionais de saúde. Ressalta-se, que a identificação dessas necessidades foi possível devido a utilização de metodologias ativas, o que evidencia a importância da sua prática em momentos de educação em saúde, de forma a focar nos pontos de menor entendimento do público.

É imprescindível entender que o uso de plantas medicinais é considerado seguro à saúde, desde que estas tenham eficácia terapêutica comprovada e sejam utilizadas de forma correta, mediante orientações necessárias. Em contrapartida, seu uso não racional, sem orientação adequada de profissionais de saúde, pode acarretar diversos riscos à saúde. Isto evidencia a necessidade do desenvolvimento de mais estudos sobre plantas medicinais, a fim de se conhecer benefícios, toxicidade, efeitos indesejáveis e possíveis interações, bem como capacitação de profissionais de saúde para que se tornem aptos a orientar corretamente a população sobre seu uso racional (Alves et al., 2021).

Estudo desenvolvido na atenção primária de Caicó-RN constatou que 54,6% dos anti-hipertensivos e 66,7% dos antidiabéticos incluídos nas prescrições elaboradas neste contexto apresentavam potenciais interações com plantas medicinais. Estes percentuais correspondem aos anti-hipertensivos captopril, propranolol, carvedilol, furosemida, anlodipino e hidroclorotiazida e aos antidiabéticos glibenclamida e insulina NPH (Oliveira; Batista, 2021).

Isto evidencia a necessidade de busca de informações, por profissionais de saúde, sobre características destas plantas medicinais, como possibilidade de interação medicamentosa, a fim de subsidiar a tomada de decisão quanto à minimização de riscos, além da oferta de educação em saúde sobre o tema, a fim de tornar o uso de fitoterápicos/plantas medicinais mais seguro (Kirchner et al., 2022; Neves et al., 2024).

A promoção à saúde é uma das atribuições do profissional farmacêutico (Santana et al., 2018) e, nesta perspectiva, uma possibilidade de atuação é a interação com a comunidade em ações de educação em saúde, as quais têm maior impacto quando os educadores, além do conhecimento científico, possuem habilidades para usar as experiências da população no ato de ensinar, respeitando o indivíduo e tornando-o ativo neste processo (Vinholes; Alano; Galato, 2009). Isto reforça a posição estratégica do farmacêutico neste contexto, o que revela a necessidade constante de qualificação da assistência farmacêutica aos usuários do SUS (Barros; Silva; Leite, 2020).

Neste sentido, a atuação farmacêutica em atividades de educação em saúde sobre plantas medicinais torna-se relevante e desafiadora, exigindo uma postura crítica e reflexiva deste profissional, visto que, embora o uso destas plantas apresente fatores históricos e culturais importantes, nem sempre é baseado em evidências científicas robustas. Assim, o

farmacêutico, como profissional de saúde, deve equilibrar o respeito pelos saberes tradicionais com a responsabilidade de promover o uso seguro e eficaz desta terapia, incluindo a desmistificação de crenças populares, esclarecimentos sobre interações medicamentosas e contraindicações, além do fomento a uma visão crítica entre os usuários, empoderando-os para tomarem decisões informadas sobre sua saúde (Carvalho *et al.*, 2021; Guimarães; Moura, 2015).

Estudo de revisão bibliográfica revela lacuna notável no que tange à orientação apropriada sobre o uso de fitoterápicos e plantas medicinais, suscitando sérias preocupações em relação aos potenciais riscos à saúde dos usuários, especialmente, quando a utilização ocorre sem a devida supervisão farmacêutica. Assim, além de consolidar informações acerca de benefícios e riscos associados ao uso, é importante disseminar este conhecimento de maneira acessível à população, como a promoção de campanhas educativas e materiais informativos (Rangel *et al.*, 2023).

Além disso, na revisão integrativa realizada no presente trabalho, constatou-se a presença do farmacêutico como agente em ações de educação em saúde envolvendo plantas medicinais em três dos quatro artigos selecionados. Isto evidencia a importância deste profissional frente a esta temática, de maneira a considerar as competências específicas da formação farmacêutica, relacionadas a aspectos físico-químicos, farmacocinéticos e farmacodinâmicos de fármacos, os quais são substâncias farmacologicamente ativas de medicamentos e plantas medicinais.

Em oportunidade, ainda evidencia-se a importância da realização de atividades de educação em saúde à população idosa, caracterizada como grupo etário que mais utiliza plantas medicinais como recurso terapêutico, priorizando promoção, manutenção e recuperação da saúde. Com isso, acredita-se que, ao valorizar as trocas interpessoais permeadas pelo diálogo, ressaltando a importância do conhecimento popular, pode-se superar as lacunas existentes nas práticas educativas de saúde tradicionais e favorecer uma assistência farmacêutica qualificada (Santos *et al.*, 2016b; Patrício *et al.*, 2022).

Além disso, contribui-se para a superação dos processos de assistência à saúde e formação profissional, inclusive, em nível de residência, ainda marcados pela hegemonia do modelo biomédico (Rolim; Batista; Rosa, 2023; Souza *et al.*, 2025).

Considerações finais

Diante do exposto, é possível compreender que a experiência de extensão realizada proporcionou importantes contribuições para a educação em saúde sobre plantas medicinais na atenção primária. O levantamento bibliográfico sobre metodologias de educação em saúde, aliado à observação das necessidades dos usuários e à execução das atividades, possibilitou uma intervenção mais contextualizada e adaptada às demandas locais. A partir desta iniciativa, foi possível perceber não apenas o interesse da comunidade por práticas alternativas e naturais, como também a necessidade de ampliar o conhecimento sobre o uso seguro de plantas medicinais.

Experiências como esta fortalecem o papel da atenção primária como espaço de promoção de saúde integral, valorizando o saber popular e reforçando a importância de ações educativas continuadas para empoderamento dos usuários no cuidado à sua saúde. Ressalta-se, sobretudo, a importante contribuição da atuação farmacêutica frente ao tema, como profissional que carrega o aporte teórico necessário para o desenvolvimento de atividades que envolvam o uso de substâncias farmacologicamente ativas.

Assim, conclui-se que iniciativas como esta são fundamentais para fomentar o diálogo entre os saberes acadêmico e popular, promovendo uma atenção em saúde mais acolhedora e participativa.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Cartilha de orientações sobre o uso de fitoterápicos e plantas medicinais**. São Paulo, SP: ANVISA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre-medicamentos/orientacoes-sobre-o-uso-de-fitoterapicos-e-plantas-medicinais.pdf>

ALVES, M. A.; SIQUEIRA, S. S.; TEIXEIRA, C. D.; MARTINS, G. P. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos como terapia alternativa e seus riscos à saúde. **Cadernos Camilliani**, v.16, n.1, p.1020-1035, 2021. Disponível em: <https://www.saocamiloes.br/revista/index.php/cadernoscamilliani/article/view/311>

BARRETO, A. C. O.; REBOUÇAS, C. B. A.; AGUIAR, M. I. F.; BARBOSA, R. B. Percepção da equipe multiprofissional da Atenção Primária sobre educação em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.72, n. suppl.1, p.278-285, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0702>

BARROS, D. S. L.; SILVA, D. L. M; LEITE, S. N. Serviços farmacêuticos clínicos na atenção primária à saúde do Brasil. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v.18, n.1, p.e0024071, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-solo0240>.

BRASIL. **Decreto nº 5.813**, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006a.

BRASIL. **Portaria nº 356**, de 22 de maio de 2023. Institui, define e cria incentivo financeiro federal de implantação, custeio e desempenho para as modalidades de equipes Multiprofissionais na Atenção Primária à Saúde. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL. **Portaria nº 2.436**, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. **Portaria nº 971**, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006b.

BRASIL. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016.

CARVALHO, L. O. L.; REIS, T. S.; QUEMEL, G. K. C.; MOYSÉS, D. A.; GALUCIO, N. C. R.; CORREIA, R. M. S. Pharmaceutical care in the use of medicinal plants with anti-hypertensive action in the elderly. **Research, Society and Development**, v.10, n.9, p. e18010917793, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17793>

CONCEIÇÃO, D. S.; VIANA, V. S. S.; BATISTA, A. K. R.; ALCÂNTARA, A. S. S.; ELERES, V. M.; PINHEIRO, W. F.; BEZERRA, A. C. P.; VIANA, J. A. Educação em Saúde como instrumento de mudança social. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.8, p.59412-59416, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-383>

COSTA, E. M.; RABELO, A. R. M.; LIMA, J. G. Evaluation of the role of the pharmacist in actions promoting health and preventing accidents and diseases within primary health care. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica Aplicada**, v.35, n.1, p.81-88, 2014. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/159>

FALKENBERG, M. B.; MENDES, T. P. L.; MORAES, E. P.; SOUZA, E. M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.19, n.3, p.847-852, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.01572013>

FARIAS, P. G.; AYRES, A.; ALVIM, N. A. T. Dialogue with pregnant women about medicinal plants: Contribution to health basic care. **Acta Scientiarum Health Sciences**, v.26, n.2, p.287-294, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihealthsci.v26i2.1579>

FITTIPALDI, A. L. M.; ODWYER, G.; HENRIQUES, P. Educação em saúde na atenção primária: as abordagens e estratégias contempladas nas políticas públicas de saúde. **Interface**, v.25, p.1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200806>

GUIMARÃES, L. A. L.; MOURA, M. G. C. Educação e saúde: um estudo das plantas medicinais. **Revista Metáfora Educacional**, n.18, p.25-43, 2015. Disponível em: www.valdeci.bio.br/pdf/n18_2015/guimaraes_moura_educacao_e_saude_n18_jun2015.pdf

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Documentação do Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/currais-%20novos/panorama>

Cenas Educacionais, v.8, n.e23013, 2025.

Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15001237>

KIRCHNER, G. A.; PELAQUIN, M. M.; MAGALHÃES, M.; GOUVEIA, N. M. Possíveis interações medicamentosas de fitoterápicos e plantas medicinais incluídas na relação nacional de medicamentos essenciais do SUS: revisão sistemática. **Revista Fitos**, v.16, n.1, p.93-119, 2022. DOI: <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2022.811>

MATTOS, M. P; GUTIÉRREZ, A. C. Novas conformações do apoio matricial em tempos de pandemia de COVID-19. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.28, n.12, p.3495-3506, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320232812.04862023>

MELO, R. C; PAUFERRO, M. R. V. Educação em saúde para a promoção do uso racional de medicamentos e as contribuições do farmacêutico neste contexto. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.5, p.32162-32173, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n5-603>

MENEGATTI, R.; FRAGA, C. A. M.; BARREIRO, E. J. A importância da síntese de fármacos. **Cadernos temáticos de Química Nova na Escola**, n.3, p. 16-22, 2001. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/cadernos/03/sintese.pdf>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Área Técnica de Saúde do Idoso e Política Intersectorial de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**: Projeto APLPMFito/RS. Diário do Autocuidado. Nº 1 – 2016 | Plantas Medicinais. Porto Alegre: Ministério da Saúde, 2016.

MOREIRA, R. R. D.; BALDO, M. N.; PIERRI, M. E. S.; GEANFRANCESCO, C.; LEITE, A.M; OLIVEIRA, J. R. S.; SILVA, E. T.; FAGNANI, L. R.; BERTOLINI, E. V.; SILVA, S.; GUERRERO, A. M. Q. Successful experience with implantation of a pilot project of a Living Pharmacy in Araraquara-SP. **Medicina**, v.56, n.2, supl.1, p.1-9, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2023.212703>

NEVES, P.; SOARES, F.; SANTANA, K.; SILVA, L. Educação em saúde acerca do uso da fitoterapia e plantas medicinais na atenção primária à saúde. **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v.16, n.2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36692/V16N2-8R>

OLIVEIRA, L. N.; BATISTA, A. M. Potenciais interações medicamento-alimento e medicamento-planta medicinal em farmácias distritais de um município do Seridó Potiguar. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, v.33, n.3, p.257-268, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14450/2318-9312.v33.e3.a2021.pp257-268>

OLIVEIRA-SOUZA, L.; CANDIDO-FONSECA, I.; GOUVÊA-SILVA, J. G.; DEFAVERI, A. C. A; SILVA, J. C.; RAMOS, Y. J. Plantas Medicinais em Áreas Urbanas: Ferramenta para Abordar a Educação em Saúde com Núcleos Familiares. **Revista Internacional de Ciências**, v.13, n.1, p.4-21, 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/ric.2023.65184>

PATRÍCIO, K. P.; MINATO, A. C. S.; BROLIO, A. F.; LOPES, M. A; BARROS, G. R.; MORAES, V.; BARBOSA, G. C. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.27, n.2, p.677-686, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.46312020>

PEDROSO, R. S.; ANDRADE, G.; PIRES, R. H. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. **Physis**, v.31, n.2, p.e310218, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310218>

PINÊ, R. E. L.; CAMARGOS, L. S. A utilização de plantas medicinais em feridas: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Contemporânea**, v.3, n.2, p.32046-32069, 2023. DOI: <https://doi.org/10.56083/RVC3N12-367>

RANGEL, V. F.; SANTOS, G. G.; SANTOS, N.C.S.; SPLENDOR, M.C. Automedicação com fitoterapia e plantas medicinais hoje: importância do farmacêutico. **Revista Científica Saúde Global**, v.1, n.2, p.e-007, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33872/saudeglobal.v1n2.e007>

ROCHA, L. P. B.; ALVES, J. V. O; AGUIAR, I. F. S.; SILVA, F. H.; SILVA, R. L.; ARRUDA, L. G.; NASCIMENTO FILHO, E. J.; BARBOSA, B. V. D. R.; AMORIM, L. C.; SILVA, P. M.; SILVA, M. V. Use of medicinal plants: History and relevance. **Research, Society and Development**, v.10, n.10, p.e44101018282, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18282>

ROLIM, A. C. A.; BATISTA, A. M.; ROSA, L. P. G. S. Residências em saúde no Seridó Potiguar: experiências e desafios da Escola Multicampi de Ciências Médicas. **Revista Diálogos em Saúde Pública**, v.2, n.2, p.1-6, 2023. Disponível em: <https://revistadiálogos.saude.rn.gov.br/index.php/EPS/article/view/66/49>

SANTANA, K. S.; HORÁCIO, B. O.; SILVA, J. E.; CARDOSO JÚNIOR, C. D. A.; GERON, V. L. M. G.; TERRA JÚNIOR, A. T. O papel do profissional farmacêutico na promoção da saúde e do uso racional de medicamentos. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v.9, n.1, p.399-412, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31072/rcf.v9i1.538>

SANTOS, J. A. A.; SANTOS, E. C. B.; MAGNATA, S. S. L. P.; GARCIA, J. E.; MARTINS, R. D. Diagnóstico e educação em saúde no uso de plantas medicinais: relato de experiência. **Revista Ciência em Extensão**, v.12, n.4, p.183-196, 2016a. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1408

SANTOS, S. L. F.; ALMEIDA, R. O.; PAIVA, C. E. Q.; BARROS, K. B. N. T.; ARRAES, M. L. B. M. Serviço de atendimento farmacêutico ao idoso: relato de experiência de educação em saúde. **Revista Saúde (Santa Maria)**, v.42, n.2, p.225-231, 2016b. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236583421522>

SILVA, L. W. S.; PAMPONET, L. S. Saberes populares no uso de plantas medicinais: tradição de valor familiar na convergência aos saberes científicos. **REVISE – Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde**, v.9, p.325-351, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46635/revise.v9ifluxocontinuo.2646>

SIQUEIRA, L. F.; SILVA, P. R.; SOUZA, J. A.; SANTIAGO, J. A. Sabedoria popular, senso comum e ciência: articulando saberes através das plantas medicinais na educação de jovens e adultos. **Scientia Naturalis**, v.3, n.2, p.782-798, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29327/269504.3.2-30>

SOUZA, M. C.; PASSOS, V. A.; BORGES, G. S. S.; CORREIA, Y. V. C.; PIMENTEL, M. M. W.; LEAL, J. A. L.; CARDOSO, T. M. P. B.; SILVA, A. B. F. B. Barreiras enfrentadas no processo formativo de uma residência multiprofissional em saúde: um estudo na perspectiva da interprofissionalidade. **Cenas Educacionais**, v.8, p.e19170, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14849494>

VINHOLES, E. R.; ALANO, G. M.; GALATO, D. A Percepção da Comunidade Sobre a Atuação do Serviço de Atenção Farmacêutica em Ações de Educação em Saúde Relacionadas à Promoção do Uso Racional de Medicamentos. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.2, p.293-303, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2009.v18n2/293-303/pt>